

A todos que pertencem à comunidade diocesana de Nova Iguaçu,  
que lutam pela construção do Reino de Deus  
na Baixada Fluminense;  
que sofrem as conseqüências de uma ordem social injusta  
sem se conformarem com a injustiça;  
que têm a consciência de sua responsabilidade cristã;  
que olham para a Igreja como sinal de esperança:  
a todos desejamos de coração as graças do Natal de Jesus Cristo  
para o novo ano de 1978 e para toda a vida.

Adriano, bispo diocesano  
Enrique Blanco, vigário-geral  
João de Nijs, MSC, coordenador dioc. de pastoral  
Manoel Monteiro Carneiro, chanceler

## HOUVE UM SÍNODO SOBRE CATEQUESE: E DAÍ?

Adriano Hypolito, bispo diocesano

O bispo diocesano participou do 5º Sínodo dos Bispos, como um dos quatro representantes do Episcopado Brasileiro. Aos quatro eleitos pela CNBB — Aloísio Lorscheider/Fortaleza, João Rezende Costa/Belo Horizonte, Paulo Eduardo Andrade Ponte/Itapipoca, Adriano Hypolito/Nova Iguaçu — juntou-se ainda Mário Teixeira Gurgel/Itabira, nomeado pelo S. Padre. Coube a Dom Aloísio fazer, logo no início, um Relatório geral sobre a situação da Catequese no mundo inteiro e sobre o Documento de trabalho que serviu de base às atividades do Sínodo. Houve mais dois relatórios iniciais, para orientação dos trabalhos: Visão Geral ou Panorama da Vida da Igreja desde o 4º Sínodo (1974), apresentado por João Joaquim Degenhardt, arcebispo de Paderborn (Alemanha); e Relatório sobre as Atividades da Secretaria-geral do Sínodo entre 1974 e 1977, feito por Ladislau Rubin/Roma. Os relatórios basearam-se em documentos fornecidos pelas Conferências Episcopais e outras

instituições de Igreja. Procuraram ser objetivos e completos. A muitos pareceram por demais otimistas. Outros julgaram-nos alienados. Os relatores fizeram o que puderam. Um relatório geral é sempre um relatório geral: apenas uma fração mínima da vida profunda da Igreja. Como também o Sínodo dos Bispos. Apesar de todos os nossos esforços sinceros durante quatro semanas, sob a presidência do S. Padre pessoalmente ou dos seus delegados, apesar do excelente material que foi carregado do mundo inteiro para Roma, apesar da riqueza de experiências, reflexões, discussões e sugestões — todos sabemos que é muito mais intensa e fecunda a ação do Espírito em todo o Corpo Místico de Cristo, que é a Igreja. Apesar de nossa qualificação como bispos e padres sinodais, apesar de toda a nossa boa vontade e seriedade, apesar de nossos esforços generosos, não pretendíamos resolver os problemas da Catequese no mundo inteiro mas sim trazer ao S. Padre uma contribuição modesta, embora válida.

Isto é importante ressaltar, para evitarmos decepções. Não se pode nem se deve esperar do Sínodo mais do que o Sínodo possa dar. E o Sínodo foi instituído como instrumento auxiliar do S. Padre, para o exercício do magistério supremo.

Várias vezes me perguntaram: o que foi que o Sínodo fez? como é que o Sínodo resolveu os problemas da Catequese? o que é que resulta do Sínodo para a Catequese do Brasil?

O documento final está longe de exprimir a riqueza do Sínodo. Inicialmente não se pensou em mensagem, talvez parecesse oportuno fazer somente uma breve comunicação. O que se pretendia, de acordo com a própria natureza do Sínodo como foi instituído e organizado, era trazer experiências, reflexões e sugestões das Igrejas particulares para o nível de Igreja universal, para colaborar com o Papa. Depois o S. Padre poderia elaborar um documento de interesse para a Igreja.

Com esta intenção começamos a trabalhar. Mas a certa altura nasceu o desejo de uma mensagem ao povo de Deus, sobretudo porque em muitos países havia uma expectativa enorme em relação ao Sínodo, inclusive atribuindo ao Sínodo uma autoridade e um magistério de Concílio Ecumênico. Decidiu-se então fazer um documento, como mensagem do Sínodo ao povo de Deus. Estávamos bem cômicos das limitações do momento. Faltava o tempo necessário. E o que era mais compreensível: mesmo que sobrasse tempo para um documento mais profundo, o Sínodo não podia nem queria esvaziar a futura e esperada intervenção magisterial do S. Padre. Tínhamos de procurar uma solução de compromisso e o resultado foi a nossa mensagem, reconhecidamente fraca, expressão mínima da riqueza dos trabalhos sinodais.

Daí por que o Sínodo apareceu a muitos como frustração de grandes esperanças. Sei de um observador, autoridade em Catequese no seu país, que saiu revoltado com o documento final, apesar de ter participado de todos os trabalhos do Sínodo.

A resposta virá depois num documento oficial do S. Padre.

Estou certo de que em si mesmo o 5º Sínodo trouxe um progresso notável à nossa visão de evangelização e de catequese. Acostumamo-nos a falar de catequese, de evangelização em nosso estilo de Igreja. Tudo parece claro e evidente. Mas quando procuramos esclarecer melhor, para agir melhor, aí descobrimos como as idéias não eram nada claras, como as palavras são usadas em vários sentidos, causando assim não poucas discussões e incompreensões. Acostumamo-nos de tal maneira às decisões autoritativas — catequese é isto e pronto — que se torna difícil discutir e esclarecer em profundidade os nossos conceitos básicos. Foi interessante que isto aconteceu nos grupos de trabalho quando se tratou de esclarecer o que é catequese quando comparada com evangelização. Não se trata de sutilezas. Mas se não soubermos o que é catequese, quem será catequista? quando é que se pode falar de um ministério do catequista? Justamente porque nos habituamos a receber das autoridades supremas uma definição pronta, abdicamos do espírito crítico (que pertence aliás ao profetismo da Igreja) e, para justificar esta nossa falha, tentamos minimizar a nossa responsabilidade de procurar, de indagar e de sofrer para encontrar.

Não aparece na mensagem final, mas houve nas quatro semanas do Sínodo este esforço generoso de procura e na maioria dos padres sinodais um constante sofrimento para encontrar

e descobrir a tarefa principal da catequese em nossos dias. Certamente a catequese deve levar à maturação da fé. Mas como se trata de uma fé encarnada, que deve ser princípio de fermentação evangélica na situação concreta em que vivemos, como é que a catequese responde aos desafios do mundo complexo e perplexo no qual Deus nos colocou, não para condenar mas para servir e salvar?

As intervenções das primeiras semanas — cada um de nós tinha direito a falar uma vez durante o Sínodo por oito minutos — e as discussões dos grupos de trabalho («circuli minores») exprimiram uma convergência pacífica: a Catequese deve ser encarnada, isto é: deve responder à problemática concreta da pessoa humana e da sua comunidade. Sobre isto não houve discussão. O princípio da «Catequese Encarnada» parecia ser tranqüilamente aceito por todos os bispos e padres sinodais.

Na determinação mais clara desta «encarnação» apareciam divergências de acento.

Incrivelmente ainda houve quem postulasse uma catequese voltada somente para Deus, sem qualquer dimensão social. Todos os problemas que a Igreja encontra hoje em dia seriam, segundo esta opinião, fruto de sua preocupação com problemas sociais que pertencem ao Estado e não à Igreja.

Também houve ainda quem defendesse a proteção do Estado para o bom desempenho da Catequese. E como os Estados hoje em dia evitam essa proteção, não faltaram vozes nostálgicas, suspirando pelos belos dias do passado. Este pessimismo apareceu ainda com outras conotações: o mundo moderno está marcado pelo materialismo, pelo totalitarismo, pelo pansexualismo etc. etc., daí as dificuldades que encontramos na Catequese; seria necessário primeiro eliminar estes males, para então a Igreja poder realizar-se.

Nestas e noutras opiniões semelhantes não estará uma ignorância inconsciente do próprio mistério da salvação, do próprio mistério de Jesus Cristo e da Igreja?

Se quiséssemos sintetizar a linha predominante de acordo com os continentes, diria que os sinodais europeus (também os norte-americanos, australianos etc.) se preocupavam sobretudo com as questões de ortodoxia e de metodologia; os africanos e asiáticos com a necessidade de «aculturar» a catequese ao seu mundo tradicional; os latino-americanos com os problemas sociais, de modo especial com a teologia da libertação (embora o termo não aparece senão raramente). Os bispos de países sujeitos ao Comunismo traziam uma contribuição diversificada, de acordo com a situação concreta. Enquanto os poloneses criticavam abertamente, com todo rigor, as violações do regime comunista na Polônia e mostravam a força da Igreja no confronto com o Marxismo, os húngaros e tchecos se mostravam muito mais reservados. O bispo unido de Sofia, que era meu vizinho, dizia: «A Igreja Católica da Bulgária é uma Igreja que reza». A ditadura comunista cortou-lhe qualquer outra chance de atividade externa.

São apenas algumas reminiscências de quem participou do 5º Sínodo, de quem vê no Sínodo uma esperança de Igreja, de quem espera que o Sínodo, num crescimento orgânico e legítimo, chegue mais cedo ou mais tarde a ser um Concílio Permanente, não apenas um instrumento de assessoria do S. Padre, sim, um Concílio Permanente que acompanhe de perto a evolução dinâmica e também caótica do mundo moderno, para ser nele um sinal de esperança.

Nova Iguaçu, 11-12-77

## TRANSCRIÇÃO: JORNAL DO BRASIL SOBRE O SÍNODO

Da reportagem publicada pelo Jornal do Brasil/Rio, 06-10-77, transcrevemos o seguinte trecho:

*Roma (do Correspondente).*

Na terceira e quarta congregações gerais do 5º Sínodo o tema da libertação do homem foi exatamente o que mais movimentou os debates e realçou a diversidade das situações enfrentadas pela Igreja Católica.

Enquanto Mons. Ek Thabping, bispo de Ratchaburi, na Tailândia, falando da catequese dos jovens em seu país, disse que ela continua a se inspirar na prática da vida monástica dos budistas, o arcebispo de Adis-Abeba, Mons. Paolo Tzadua, reclamou e denunciou na Etiópia «um assustador vazio de valores que procura criar uma alternativa na miragem de um bem-estar ilimitado, contrário ao testemunho e à visão cristã da vida». De tal forma que o arcebispo de Adis-Abeba não vacila em recomendar ao Sínodo um apelo especial a esta sociedade consumista «oferecendo-lhe o serviço pastoral da Igreja».

Contra esta mesma sociedade consumista, em particular contra os ricos, insurgiu-se Mons. S. E. Carter, arcebispo de Kingston, na Jamaica, para quem o essencial «é que os bispos na sua qualidade de pastores do rebanho de Cristo proclamem com insistência os princípios da justiça social que são parte da mensagem evangélica».

Para o arcebispo de Kingston o «ensinamento social da Igreja é muito exíguo, freqüentemente sendo descuidado nas nossas escolas e universidades, não levando em conta as Encíclicas Papais que com clareza falam dos problemas atuais da humanidade». Julgando insuficiente um conhecimento abstrato da questão social, Mons. Carter diz que é preciso assumir uma nova atitude contra a injustiça. Contra a má distribuição das dádivas de Cristo. «Muito freqüentemente, diz ainda, esse problema se faz mais grave porque a intransigência dos ricos não quer mudar a situação. E isto conduz à radicalização e à violência».

Proclamando a importância do «ser social» do homem, o brasileiro Mons. Adriano Hypolito, bispo de Nova Iguaçu, propõe uma outra questão fundamental: a de saber antes de mais nada quem é o homem ao qual se destina o mistério de Cristo. Quem é hoje esse homem? Para o que recomenda que a Igreja saiba o que diz desse homem a ciência antropológica, com a finalidade de melhor estudar suas predisposições para receber a Mensagem da salvação e encontrar o mais adequado método de sua catequese.

Não se limitando a uma veemente condenação dos ricos como seu colega jamaicano, o bispo de Nova Iguaçu quer uma catequese que induza os «príncipes deste mundo» (os ricos) a tomar consciência de seu pecado contra os irmãos e contra Deus — e que os pobres adquiram maior consciência de sua dignidade, para defender-se da injustiça e participar da vida social: «Sem concessões ou oportunistas omissões em relação a outras ideologias — especialmente em relação ao Marxismo — o bispo de Nova Iguaçu acusou (o Marxismo) de falsificar a dimensão do transcendente, de procurar convencer o homem de que o paraíso se alcança no mundo e com suas próprias forças. Por isso tudo a melhor cate-

quese partiria sempre de uma melhor informação da Igreja sobre o homem em suas concretas circunstâncias».

*NR:* Oportunamente o Boletim Diocesano publicará na íntegra, em tradução, a intervenção de D. Adriano, feita na Congregação Geral do Sínodo de 03-10-77.

### CÚRIA DIOCESANA

#### 1. AVISOS

##### **Aviso 48/77: Sessão conjunta do Conselho Presbiteral**

De acordo com a Pauta das Eleições Diocesanas (BD 106/107) haverá no dia 27 de dezembro próximo uma sessão conjunta do Conselho Presbiteral de 1977 com o Conselho Presbiteral de 1978. Será no Centro de Formação a partir das 9 h. Depois da sessão haverá ao meio-dia o almoço de confraternização de todos os conselheiros. A posse do novo Conselho será na sessão do dia 10 de janeiro, com início imediato das atividades normais. — Catedral, 01-12-1977, P. Enrique Blanco, vig.-geral.

##### **Aviso 49/77: Dia da Paz**

Como nos anos passados, a Igreja do mundo inteiro celebra no dia primeiro de janeiro o Dia da Paz. De acordo com a orientação da S. Sé as pregações desse dia terão a Paz como tema. Também as orações. Será bom se, além dos atos de piedade, se façam outras iniciativas para ressaltar a importância da Paz na vida de cada dia. Por mais problemática que seja a Paz no mundo moderno, não devemos desanimar de construí-la. À Igreja caberá sempre esta grande tarefa. — Catedral, 01-12-1977, P. Enrique Blanco, vig.-geral.

##### **Aviso 50/77: A Folha**

Aproximando-se o começo do novo ano, seria conveniente que todas as paróquias de nossa Diocese introduzissem *A Folha* como seu folheto litúrgico e como instrumento de reflexão para os diversos grupos e associações. Em *A Folha* há também a manifestação do pensamento do bispo diocesano, como orientação pastoral, como instrumento de renovação no espírito do evangelho e segundo a orientação do Concílio Ecumênico. Sem menosprezar outros folhetos litúrgicos, achamos que *A Folha* é o que melhor corresponde à situação concreta de nossa área e de nossa diocese de periferia. Trata-se de uma Liturgia encarnada: na força da graça de Jesus Cristo que nos é comunicada na S. Missa nós nos dispomos a servir os nossos irmãos, a contribuir para tornar mais humana e mais conforme com a vontade de Deus a comunidade em que vivemos e trabalhamos. — Catedral, 01-12-1977, P. Enrique Blanco, vig.-geral.

##### **Aviso 51/77: Provisões**

Salvo decisão em contrário, ficam prorrogadas as faculdades de 1977 até serem expedidas as novas Provisões para 1978. A todos que trabalham na diocese de Nova Iguaçu, exercendo qualquer ministério, peço em nome do bispo diocesano continuem fiéis ao serviço dos irmãos,

que é serviço da Igreja e de Jesus Cristo. Nossa missão não é dominar e sim servir com serviço generoso e sobrenatural. — Catedral, 01-12-1977, *P. Enrique Blanco*, vig.-geral.

## 2. COMUNICADOS

### Comunicado 07/77: Resultado das Eleições de 1977

De acordo com as normas de nossa Diocese e a pauta publicada no Boletim Diocesano (BD 106/107) tivemos ocasião de realizar nossas eleições de 1977. Devíamos eleger o coordenador de pastoral (1978-1979), o coordenador de pastoral catequética (1978), o coordenador de pastoral social (1978-1979), os sete coordenadores regionais (1978), os três representantes diretos do presbitério (1978).

O resultado final foi o seguinte:

— coordenador diocesano de pastoral: P. Jaime Meagher CSSp;

— coordenador da pastoral catequética: Clara Coca (supl. Wim Gisterlinck CICM);

— coordenador da pastoral social: P. Mateus Vivalda (supl. Fr. Jaime Clasen OFM);

— coordenadores regionais:

Região 1: P. Agostinho Pretto (supl. Irmã Ana Clara Corino),

Região 2: P. Ivanildo de Holanda Cunha (supl. P. Angelo Morone SC),

Região 3: P. Gabriel Sobral Filho (supl. P. Maurício Vian),

Região 4: P. Valdir Oliveira (supl. Fr. Jaime Clasen OFM),

Região 5: P. Geraldo da Silva Bernardes (supl. P. Jaime Meagher CSSp),

Região 6: P. Daniel de Leeuw CRL (supl. P. Manoel Monteiro Carneiro),

Região 7: P. Carlito Cenzone CICM (supl. P. João Demyttenaere CICM);

— representantes diretos:

P. Hugo Vasconcelos Paiva CM,

P. João de Nijs MSC,

Irmã Josefina Holzner,

(supl. Fr. Jaime Clasen OFM).

A todos os eleitos desejo em nome da diocese e em meu próprio nome um serviço generoso para o bem da Igreja e dos irmãos.

Catedral de S. Antônio, 11 de dezembro de 1977.  
*Adriano*, bispo diocesano.

### Comunicado 08/77: Conselho Presbiteral de 1978

De acordo com as normas da Santa Sé e os costumes desta Diocese o Conselho Presbiteral Diocesano de 1978 fica assim constituído:

— Bispo diocesano,

— P. Enrique Blanco Pico, vigário-geral,

— P. Jaime Meagher CSSp, coord. diocesano de Pastoral,

— Clara Coca, coord. de pastoral catequética,

— P. Mateus Vivalda, coord. de pastoral social,

— P. Agostinho Pretto, coord. RPast 1,

— P. Ivanildo de Holanda Cunha, coord. RPast 2,

— P. Gabriel Sobral Filho SCJ, coord. RPast 3,

— P. Valdir Oliveira, coord. RPast 4,

— P. Geraldo da Silva Bernardes, coord. RPast 5,

— P. Daniel de Leeuw CRL, coord. RPast 6,

— P. Carlito Cenzone CICM, coord. RPast 7,

— P. Hugo Vasconcelos Paiva,

— P. João de Nijs,

— Irmã Josefina Holzner.

Aos conselheiros de 1977 que são foram reconduzidos agradecemos a colaboração que prestaram, sempre dispostos e generosos. Aos novos membros do Conselho, eleitos ou reeleitos, desejamos que realizem com fidelidade o seu serviço de conselheiros, nem sempre fácil, para podermos tornar a nossa diocese um sinal de esperança para a Baixada Fluminense.

Catedral de S. Antônio, 11 de dezembro de 1977.  
*Adriano*, bispo diocesano.

Encerramento deste número: 11-12-77. Endereço do BD: Cúria Diocesana — Cx. Postal 22 — 26000 Nova Iguaçu (Av. Mal. Floriano Peixoto, 2262; tel.: (021)767-8570) — Estado do Rio de Janeiro.

### CALENDÁRIO SOCIAL DEZEMBRO/1977

- 01 n(1938) Madalena Brokamp ISCr, T  
02 n(1914) M. Cláudia Schmid FD, SJM  
03 n(1913) João Maria Baethge OFM, vEPed  
04 o(1956) Nereu Meirelles, CEPAC  
06 m(1965) Mons. João Müsch, 12º aniv.  
07 n(1916) Benvenuta Huber FB, NI  
08 n(1888) Maria da Conceição Breves FC, MSaco  
o(1938) Dinarte Duarte Passos, pNI-SCorJ  
o(1938) Côn. Luís Gonzaga Passos dos Santos, pRSob  
o(1940) Maurício Celestino Fernandes  
v(1948) A. Rogéria T. Carvalho FSant, P  
13 o(1969) Estêvão Ottenbreit OFM, vSJM  
14 n(1917) Daniel de Leeuw CRL, vNMe  
15 o(1964) Félix Feger OFM, vN-Con  
16 o(1962) Antônio Ribeiro Laranjeira, vE  
17 n(1967) Jaime Clasen OFM, cN-Con  
18 n(1932) Nereu Meirelles, CEPAC  
o(1938) D. José Gonçalves da Costa CSSR, Niterói  
20 n(1943) Lucília Caleare FB, NI  
21 n(1917) Eugênia Henriques Duarte FC, Viga  
n(1938) Mateus Vivalda, vH  
o(1952) Sebastião Lima, pBR-Seb  
o(1957) Elpidio Chilanti OFMCap, nNI-SFam  
o(1959) Domingos José Hellmann OFM, cN-Con  
22 o(1968) José Pereira OFM, cSJM  
23 n(1943) Luísa Natalina Cassol SM, CGde  
o(1945) D. Walmor Battú Wichrowski, Porto Alegre  
25 n(1919) Virgínia Natália Oliveira FC, Viga  
26 n(1922) Ana Venância de Aguiar Frota FSant, P  
o(1943) Maurício Vian, vJ  
27 n(1932) José Fernandes de Sá CSSp, VCava  
28 o(1975) Valdir de Oliveira, pMe  
29 n(1929) Elpidio Chilanti OFMCap, vNI-SFam  
31 o(1972) João Silvério Romero Garcia, Buenos Aires

### CALENDÁRIO PASTORAL DEZEMBRO/1977

- 01 r(15 h) CODIMHI, CEPAC  
03 (18 h) Bênção da matriz de S. Francisco Xavier, Itaguaí  
04 (08 h) S. Missa/Crisma, Queimados SFr  
(17 h) S. Missa/Crisma, Tinguá  
06 r(09 h) mensal do presb./assembléia past./eleições, CFL  
08 Festa da Imaculada Conceição de N. Sra., dia santo  
11 (09 h) Assembléia Pastoral, CFL  
(08 h) S. Missa/Crisma, Queimados, Con  
(19 h) S. Missa/Crisma, Olinda  
13 s(09 h) CPresb, CFL  
15 r(15 h) CODIMHI, CEPAC  
18 (08 h) S. Missa/Crisma, SMat  
r(14 h) mensal das religiosas  
(17 h) S. Missa/Crisma, SRita  
22 r(15 h) CODIMHI, CEPAC  
25 Natal do Senhor  
27 s(09 h) CPresb. 77 + CPresb 78, almoço conjunto  
29 r(15 h) CODIMHI, CEPAC